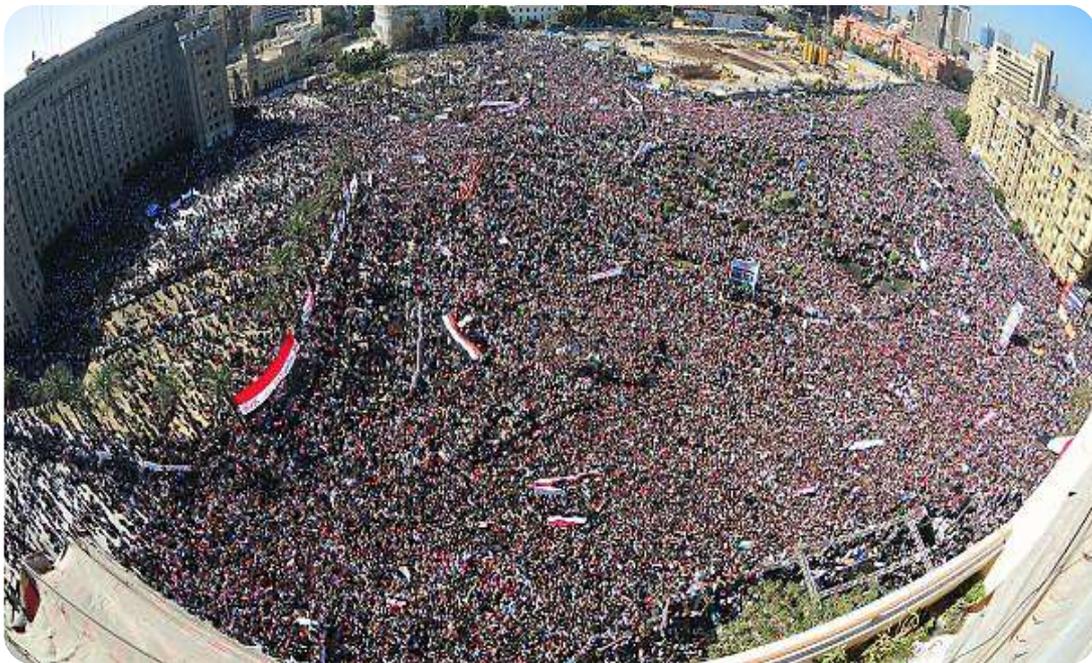


Oriente Médio – Geopolítica – Primavera Árabe

PRIMAVERA ÁRABE



O **movimento popular** reivindicava democracia e melhores condições de vida decorrentes da crise econômica, desemprego e falta de liberdade de expressão, diante dos governos autocratas do mundo árabe.

A crise financeira global de 2008 agravava a **situação econômica na região, elevado preço dos alimentos** e as **taxas de desemprego eram altas**, especialmente entre a **população jovem** (desemprego entre jovens era na época de 25% no Egito, 30% na Tunísia e 21% no Líbano).

Outros fatores:

- **Governos autocratas – ditaduras;**
- **Sem liberdade de política e de expressão;**
- **Elevada corrupção;**

- Desprezo das elites à situação da população;
- Dura repressão das forças policiais;
- Elevada população jovem com acesso à internet.

O que foi e como terminou a Primavera Árabe?

BBC – 20/02/2021

Tudo começou com um vendedor de frutas no interior da Tunísia. Mohamed Bouazizi, de 26 anos, era um ambulante na pequena cidade de Sidi Bouzid, onde era constantemente intimidado por policiais — falta de licença, problemas com seus produtos, pedidos de propina.

No dia 17 de dezembro de 2010, em novo episódio de intimidação, policiais confiscaram seu carrinho de frutas por ele não ter licença para vender no local onde supostamente era necessária.

Bouazizi foi à sede do governo local reclamar e tentar recuperar seus pertences, mas não foi recebido. Sem conseguir mais trabalhar e afetado há anos pelo desemprego, a situação o levou ao desespero. Bouazizi adquiriu um galão de combustível, jogou o líquido sobre o corpo e, diante do prédio do governo, ateou fogo a si mesmo.

<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-55379502>



A importância da internet e das redes sociais

Com a ajuda da internet e das mídias sociais, a notícia de Bouazizi espalhou-se como o fogo em seu corpo — e rapidamente transformou-se em protestos contra o desemprego e a corrupção na Tunísia.

Revolução de Jasmim

Como foi reconhecido o início dos protestos na Tunísia

As manifestações seguem em vários países

Tunísia, Egito, Líbia, Iêmen, Argélia, Síria, Marrocos, Omã, Bahrein, Jordânia, Sudão, Iraque.

A queda de Ben Ali na Tunísia

A velocidade dos acontecimentos surpreendeu a todos. Mesmo atribuindo as manifestações aos grupos extremistas o **presidente não resistiu e renunciou**. Ben Ali morreu no exílio na Arábia Saudita em 2019.

A queda de Hosni Mubarak - Egito

Reconhecida inicialmente como “Dias de Fúria”, “Revolução de Lótus” ou “Revolução do Nilo” a mobilização popular teve como símbolo a **praça Tahrir** na capital Cairo.

Apesar da **violência mais acentuada**, o roteiro final acabou sendo quase uma cópia daquele vivido pela Tunísia: o governo Mubarak inicialmente reagiu com violência, mas menos de um mês depois, perdeu o controle da situação.

Em 12 de fevereiro, após 29 anos com plenos poderes sobre o Egito, **Hosni Mubarak renunciou ao cargo**.

A queda de Muammar Khadafi - Líbia

Para outros países, a **Primavera Árabe teve consequências ainda mais significativas - e graves**. A Líbia, governada desde 1969 com mão-de-ferro pelo coronel Muammar Khadafi, **possui as maiores reservas de petróleo e gás da África**.

O país já era caracterizado por diferenças históricas entre o leste, onde estão as principais reservas de petróleo, e sua parte oeste, onde fica a capital, Trípoli.

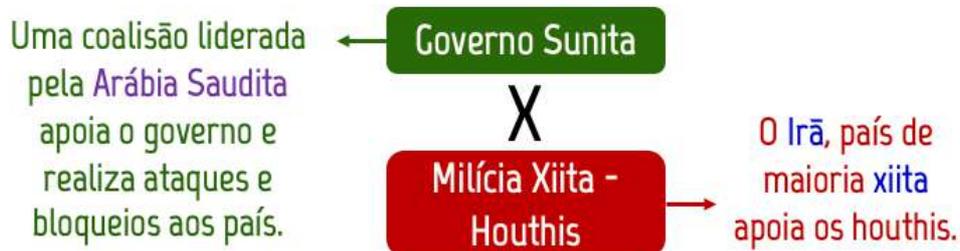
Com o uso da extrema repressão do governo, o país sofreu bombardeios da OTAN. Khadafi não resistiu e acabou sendo morto por grupos insurgentes.

A instabilidade tomou conta do país, entre diversas facções e grupos fundamentalistas islâmicos.

A saída negociada de Ali Abdullah Saleh - Iêmen

O ditador Ali Abdullah Saleh (1942-2017) também caiu meses depois do início da revolta popular. Quem assumiu o governo foi seu vice, Abd Rabbuh Mansur Al-Hadi (1945) buscando uma transição negociada.

A divisão religiosa (sunitas e xiitas) e a interferência militar de outras nações leva o país a maior crise humanitária da atualidade segundo a ONU.



A Guerra na Síria já dura 10 anos - Bashar al Assad

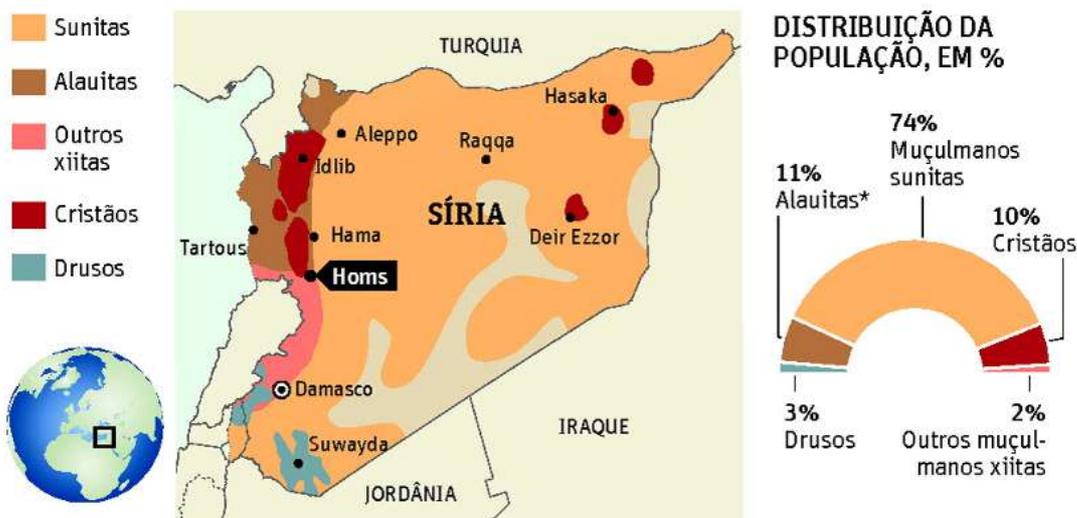
O regime de Assad - que herdara a posição de seu pai, Hafez al-Assad, que chegou ao poder com um golpe de Estado em 1970 - era conhecido como um dos mais repressivos da região.

Prisões, torturas e assassinatos eram usados com frequência para calar qualquer possível dissidência política.

Representante da minoria alauíta, um segmento do lado xiita do Islã, Assad era também um dos principais aliados do Irã no Oriente Médio.

RELIGIÃO NA SÍRIA

Teme-se que o conflito entre regime e oposição se torne guerra sectária



Fonte: IISS (Instituto Internacional de Estudos Estratégicos)

*minoria xiita à qual pertence Bashar Assad

Nos primeiros anos do conflito na Síria, o FSA (Free Syrian Army, ou Exército Sírio Livre), formado em agosto de 2011 por desertores do Exército nacional, foi o principal grupo a combater o regime de Assad.

Em dezembro de 2013, a BBC News publicou uma lista dos principais grupos atuando na guerra civil.

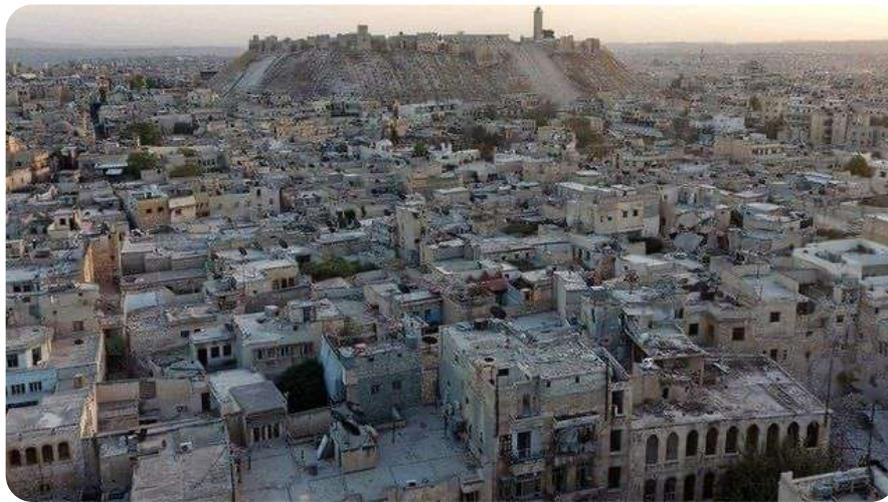
“Acredita-se que existam até 1 mil grupos armados de oposição na Síria, comandando cerca de 100 mil combatentes”, dizia o texto.

Além do FSA, a BBC News listava duas grandes coalizões de organizações jihadistas sunitas espalhadas pelo país. A primeira, Frente Islâmica, era a maior delas, com cerca de 45 mil combatentes.

A segunda coalizão, a Frente Síria de Libertação Islâmica, era menor, mas potencialmente mais influente nos rumos da guerra.

Entre suas organizações, estavam a Frente Al-Nusra, um braço da Al-Qaeda na Síria, e o Estado Islâmico no Iraque e no Levante, também conhecido como Isis, Isil ou Daesh.

Apesar da intenção inicial do Isis de se aliar à Al-Nusra em um só movimento, a frente rejeitou a união e manteve-se fiel à Al-Qaeda.



Aleppo e outras cidades sírias foram destruídas pela guerra civil

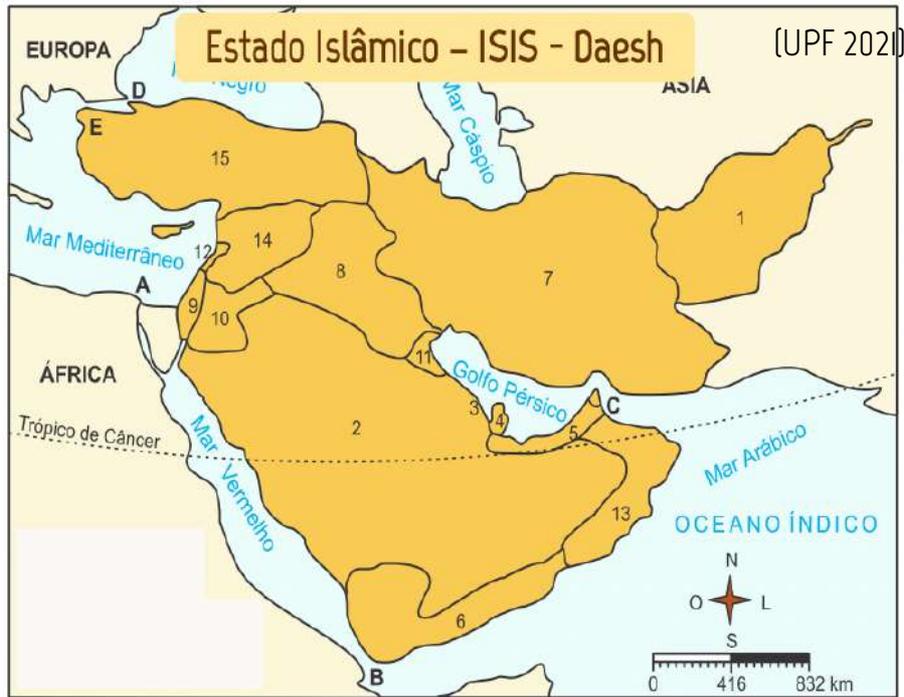
Nascido da temida Al-Qaeda no Iraque, e inicialmente chamado apenas Estado Islâmico no Iraque, o Isis avançou de forma impressionante na Síria.

Comandado pelo iraquiano Abu Bakr al-Baghdadi, a organização logo se beneficiou do caos sírio.

Em janeiro de 2014, pouco depois que suas forças tomaram Falluja, no Iraque, o Isis derrotou outros grupos rebeldes na disputa pela cidade síria de Raqqa.

Em junho, Baghdadi declarou que o Estado Islâmico no Iraque e no Levante era agora um califado, e ele era o califa.

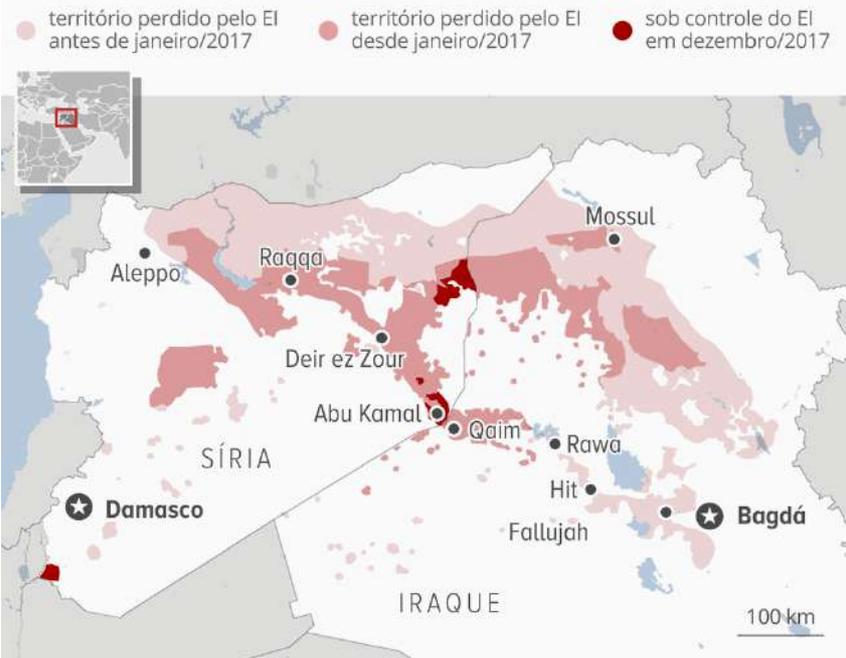
Em seu auge, entre 2015 e 2016, o chamado Estado Islâmico controlou cerca de um quarto do território sírio, especialmente o nordeste, onde implantou o terror das execuções em massa e sua visão extremista do Islã.



Fonte: <https://www.google.com/imgres?imgurl=https%3A%2F%2Fwww.coladaweb.com%2Ffiles%2F> Acesso em 5/8/19. (Adaptado)

A perda de território do califado

Veja como o Estado Islâmico recuou



Fonte: Departamento de Estado dos EUA

Infográfico elaborado em: 23/12/2017



Situação atual

Segundo uma estimativa do Observatório Sírio de Direitos Humanos, de março de 2011 a março de 2020 a **guerra civil na Síria deixou meio milhão de mortos - cerca de 384 mil mortes** foram documentadas pela entidade.

O conflito também destruiu completamente as construções e a infraestrutura de muitas de suas cidades.

Em 2020, a **Síria seguia dividida**, com o **leste controlado por rebeldes seculares liderados por curdos e apoiados pelos Estados Unidos**, a **parte oeste e central nas mãos do governo**, **alguns pontos ocupados por extremistas religiosos** e outros tomados pela Turquia, acusada de apoiar os jihadistas.

<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-55379502>

Qual o jogo de forças na Síria?

Aliados

Rússia

Irã

Hezbollah

(milícia xiita do Líbano)

Bashar al Assad



Presidente da Síria

Opositores

EUA

Arábia Saudita

União Europeia

A Síria, assim como nos anos anteriores, continuou a ser o **país com maior população deslocada globalmente**. No fim de 2017, havia 12,6 milhões de sírios desalojados à força, sendo cerca de **6,3 milhões de refugiados**, 146.700 requerentes de asilo e **6,2 milhões de deslocados internos**.

Anotações: